

INFOATIVISMO: ASPECTOS DA APROPRIAÇÃO SOCIAL DA INFORMAÇÃO

Antonio Paulo Carretta¹

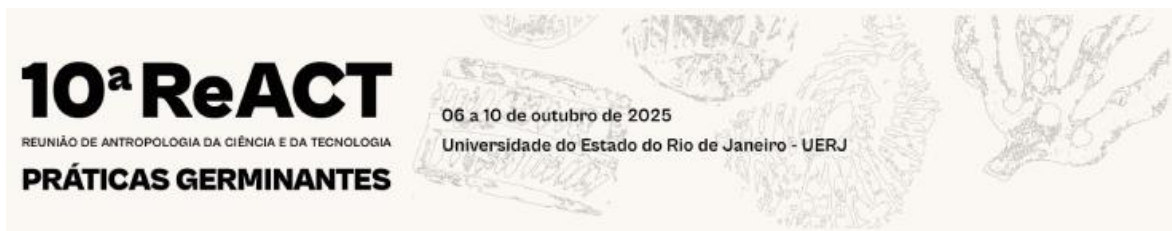
Resumo

Esta reflexão aborda três eixos centrais no debate sobre cultura digital, infoativismo e apropriação da informação, articulando-se com a Antropologia Digital como referencial analítico. Inicialmente, discute-se a disseminação de tecnologias sociais e redes de conexão, que embora ampliem o acesso à internet, ainda enfrentam desafios significativos no Brasil. As interações entre pessoas, informação e tecnologia evidenciam desigualdades que vão além dos indicadores de conectividade, do uso efetivo da informação e do controle da desinformação na esfera pública digital.

Em seguida, analisa-se o infoativismo como uma vertente do ativismo digital que mobiliza dados, visualizações e estratégias comunicativas para engajar indivíduos e coletivos em torno de causas sociais. A informação, nesse contexto, deixa de ser apenas conhecimento e torna-se instrumento de ação coletiva. Dois casos ilustram essa dinâmica: o Data_Labe, laboratório de dados na favela da Maré (RJ), que desenvolve visualizações e narrativas participativas para fomentar cidadania e avaliar políticas públicas; e uma iniciativa de design ativista centrada no visativismo, que utiliza linguagem visual para comunicar injustiças e articular resistências.

Ambos os exemplos demonstram como dados e experiências podem ser traduzidos em ações informativas, tornando desigualdades visíveis e catalisando mobilização social. O estudo evidencia que o infoativismo opera como prática crítica de circulação da informação, ampliando a interatividade entre indivíduos e coletivos na era das plataformas digitais. Dessa forma, a apropriação social da informação se revela não apenas como

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo.



instrumento de conhecimento, mas como mecanismo de engajamento cívico e transformação social.

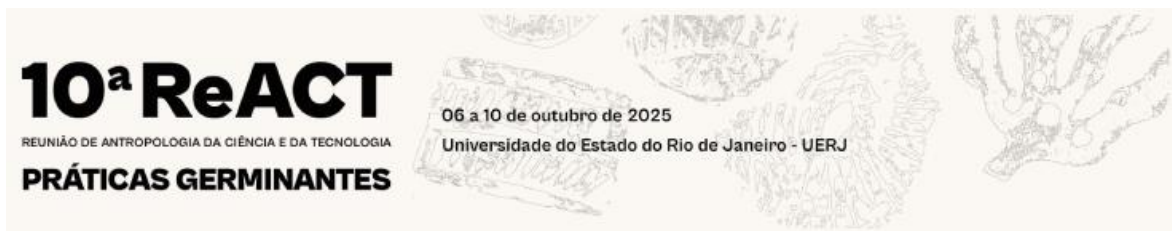
Palavras-chave: Sociedade da Informação; Infoativismo; Visativismo; Cultura Digital; Apropriação da Informação.

1. Introdução

O caráter social que as tecnologias adquiriram na última década tem associado ao pensamento contemporâneo novas percepções sobre a sociedade da informação e as dinâmicas de apropriação de dados, mídias e redes. O estudo do infoativismo parte dessa realidade para compreender como a informação pode operar como elemento de ação política, comunicativa e cidadã.

Antes do advento da internet e das redes sociais, organizar uma revolução significava reunir uma multidão na rua em defesa de uma grande causa. Esta condição ainda é um forte símbolo da manifestação e da ação. Entretanto, hoje a imagem da manifestação também é refletida na onda de pequenas causas em redes sociais digitais, que encontra canais de propagação e consegue agrupar multidões interessadas e dispostas ao engajamento nos mais diversos movimentos. Além disso, a lógica política de unir pessoas e adquirir força para uma causa foi favorecida pela capacidade de conectividade da Web e, apoiada em uma cultura de participação, encontrou o ambiente ideal para produção colaborativa, compartilhamento e organização de informações.

Como exemplo dessa mudança, dados recentes apontam que cidadãos dos EUA usaram mobilização digital para se envolver com todos os níveis de governo, realizando oitovezes mais ações digitais no primeiro semestre de 2020, em comparação com o último ano de eleição presidencial em 2016. Além disso, 79% dos jovens disseram que a pandemia de coronavírus os ajudou a perceber o impacto de decisões políticas em suas vidas. Paralelamente, o movimento #BlackLivesMatter ganhou amplo apoio público e 54% dos usuários de mídia social, com idade entre 18 e 29, relataram usar mídias sociais



para procurar informações sobre manifestações ou protestos em sua área (INTERNET SOCIETY, 2021). Por sua vez, no Brasil, o engajamento civil em ambiente digital repercutiu o intenso cenário político nacional da última década. As Jornadas de Junho de 2013, a Lava-Jato, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, as campanhas eleitorais de 2016 e 2018, assim como os protestos contra os crimes ambientais, as mobilizações antirracistas ou em favor dos povos indígenas, das mulheres da população LGBTQIA+ e as onipresentes manifestações bolsonaristas ressoaram nas redes sociais de maneira a contribuir com maior volume de dados para a análise de engajamento por informação, repercussão em manifestações em redes sociais ou em eventos políticos noticiados. É nesse contexto complexo, estimulado por redes sociais digitais e causas diversas que surgem ações de infoativismo em ambientes digitais

2. Infoativismo e Cultura Digital

O infoativismo se configura como uma modalidade de ativismo digital que articula informação e mobilização social. Em um contexto de crescente concentração de dados e poder informacional nas plataformas, práticas infoativistas visam reapropriar e redistribuir o valor social da informação. Pela definição da organização internacional Tactical Technology Collective, fundada em 2003, “infoativismo significa o uso efetivo de informação e práticas de comunicação para engajamento e defesa de causas” (em tradução livre). Os princípios que orientam a organização civil, bem como suas estratégias de treinamento, tem como base a informação para ação. Segundo Joyce (2010), o termo infoativismo foi cunhado pela organização e apoia-se no conteúdo, diferentemente do ativismo digital cuja relação imediata é com a infraestrutura (hardware e software). A autora também aponta que, pela definição de Dirk Slater, ativista e colaborador da organização, o infoativismo pode ser entendido como uso estratégico e intencional de recursos informacionais em campanhas, sem ser necessariamente digital ou com base na Internet, podendo ocorrer por meio de impressos, como cartazes ou folhetos, ou até mesmo no boca-a-boca. Neste sentido, o escopo das práticas de infoativismo vai além dos limites



estabelecidos pelo ativismo digital e, portanto, o termo é de emprego amplo e não exclusivo. No entanto, esta pesquisa se atém ao entendimento da dimensão e potência do infoativismo em ambientes digitais.

As tecnologias ditas como sociais trazem questões que envolvem o conceito deconectividade, a formação de inteligência coletiva e a cultura digital de colaboração, produção e uso compartilhado de informação. Além disso, observa-se um contexto informacional difuso e potencializado pelas tecnologias sociais que, cada vez mais, atribuem à informação capacidades de promover e ativar ações.

Partindo deste cenário, situado no tempo da chamada “era das causas”, ou “era doativismo”, que surgiu com a internet e suas redes sociais digitais, os principais pontos de reflexão desta pesquisa pretendem abordar implicações da conectividade informativa, a prática do “infoativismo” e seus impactos na organização social da informação digital. Temas que ainda carecem de análises sobre fluxos de informação, perfil de suascomunidades e o processo para construção de ações informacionais em ambiente Web.

A partir dessa noção introdutória, é possível observar que não há consenso quanto à terminologia que designa as práticas ativistas em contextos digitais. Diversos termos são utilizados para descrevê-las - como ativismo digital, netativismo, ativismo online e ciberativismo -, aos quais se somam expressões como ativismo de hashtag, clicativismo (slacktivism) ou sofativismo, frequentemente empregadas de forma crítica ou pejorativa. Essa multiplicidade de denominações revela tanto a diversidade das práticas quanto a ausência de uma definição consolidada. Para avançar na compreensão do fenômeno, torna-se necessário estabelecer um contraponto (de aproximação e distinção) com o conceito de infoativismo, recorrendo a exemplos de táticas desenvolvidas pela organização Tactical Technology Collective. Essas táticas ajudam a esclarecer o sentido e a aplicação do infoativismo, especialmente no que se refere às relações entre disseminação, uso, apropriação da informação e ação em ambientes digitais.

Na esfera da cultura digital, esse processo se constitui como um campo simbólico de mediação, onde práticas, significados e formas de sociabilidade são continuamente



produzidos e disputados. Para interpretar esse campo simbólico e observar esse universo, a antropologia digital busca compreender como os sujeitos interagem com tecnologias, constroem sentidos e se inserem em dinâmicas de poder, desigualdade e criatividade que caracterizam o espaço digital contemporâneo.

Sob essa perspectiva, o digital é entendido como campo cultural, e não apenas como meio técnico. As pessoas não apenas utilizam as tecnologias, mas as resignificam em seus contextos de vida, transformando-as em extensões de suas práticas comunicacionais, identitárias e informativas. Assim, o ciberespaço se torna um território de convivência simbólica, onde as fronteiras entre o real e o virtual se dissolvem, revelando experiências híbridas e interdependentes.

Nesse ambiente, a informação circula em múltiplos formatos (textos, imagens, sons, memes) e adquire valor à medida que é apropriada socialmente. A partir de Barreto (2006), entende-se a apropriação da informação como o momento em que o sujeito processa, valida e incorpora determinado conteúdo ao seu repertório cognitivo e cultural. Não se trata apenas de acessar dados, mas de transformá-los em conhecimento significativo, capaz de modificar a percepção e o agir do indivíduo no mundo.

Nesse sentido, a antropologia digital permite observar como a apropriação informacional se manifesta nas interações em rede, nas práticas cotidianas e nas formas de engajamento coletivo. Um exemplo emblemático é o papel dos memes como objetos culturais que condensam afetos, narrativas e disputas simbólicas. Durante as Jornadas de Junho, por exemplo, expressões como “vem pra rua” e “não é só pelos R\$ 0,20” circularam amplamente, sendo apropriadas por milhões de usuários como formas de pertencimento e ação política.

Essas manifestações demonstram que a apropriação da informação no ambiente digital envolve processos de validação coletiva, sustentados por intencionalidades compartilhadas. Como aponta Searle (2006), o comportamento cooperativo e o engajamento social dependem de estruturas simbólicas baseadas em crenças e regras que organizam o agir



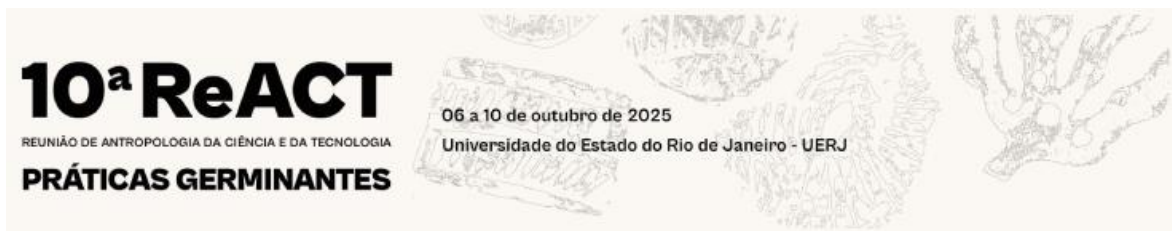
conjunto. Assim, no contexto da cultura digital, a informação não apenas comunica — ela funda práticas sociais, identidades e modos de existência.

Desse modo, a articulação entre antropologia digital e apropriação da informação revela que o digital é, ao mesmo tempo, espaço de disputa simbólica e de criação cultural. Nele, as tecnologias não são neutras: tornam-se mediadoras de sentido e instrumentos de reconfiguração das formas de conhecer, interagir e transformar o mundo social.

3. Aspectos Históricos, Casos e Práticas de Apropriação Social da Informação

Para compreender historicamente o modo como o infoativismo se manifesta, é necessário observar as transformações tecnológicas que reconfiguraram as formas de mobilização pública, tanto no Brasil quanto no exterior. As revoltas na Tunísia (2010) e no Egito (2011), por exemplo, tornaram-se marcos simbólicos da articulação entre redes digitais e ação política. Nesses contextos, o uso intensivo de celulares e plataformas sociais ampliou a capacidade de difusão de informações e favoreceu novas dinâmicas de engajamento coletivo. No entanto, como observa Valeriani (2011), o núcleo organizacional dessas rebeliões ainda se apoiava em estruturas tradicionais, como universidades, partidos e sindicatos, e não apenas em plataformas como o Facebook. Ainda assim, emergiram, naquele momento, as chamadas “comunidades informacionais”, formadas no ambiente online e responsáveis por impulsionar o fluxo de dados, relatos e imagens durante a chamada Primavera Árabe, estabelecendo um novo paradigma para a circulação da informação em contextos de crise social.

Esse episódio ilustra o impacto social das tecnologias digitais e a evolução dos modos de disseminação da informação. Diferentemente das mídias tradicionais, nas quais o fluxo comunicacional é linear e hierarquizado, as comunidades informacionais operam de forma multidirecional e colaborativa, ativadas em tempo real, por meio de plataformas como Facebook, Twitter (atual X) e blogs (MACKINNON, 2004). Essa lógica reticular intensifica a circulação e o compartilhamento de conteúdos, ampliando o alcance e a

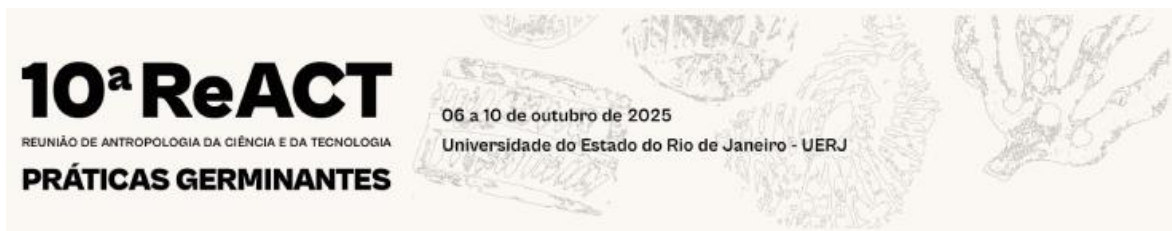


velocidade das mensagens. Processo semelhante pode ser observado nas manifestações de junho de 2013 no Brasil que, inicialmente articulada pelo Movimento Passe Livre, teve no uso das ferramentas digitais, como o Facebook e a Mídia Ninja, a grande força para disseminação de informações e construção de diálogos entre participantes e observadores, configurando um cenário em que o infoativismo se consolida como prática comunicacional e política.

Desta forma, as mobilizações caracterizadas por múltiplas vozes e narrativas fragmentadas encontraram nas redes sociais digitais um território fértil para sua organização e propagação. Nesse ambiente, mídias alternativas emergiram como agentes fundamentais na circulação de dados, imagens e relatos em estado bruto, operando à margem dos circuitos tradicionais de comunicação. Nesse sentido, esse deslocamento do fluxo informacional à ação coletiva, oferece um campo fértil de análise sob a ótica da Ciência da Informação, ao evidenciar a conectividade informativa e a capacidade tecnológica de estabelecer pontes entre pessoas, dados e discursos. Nessa perspectiva, o infoativismo pode ser compreendido como um fenômeno que traduz o uso estratégico, a apropriação crítica e o impacto social da informação na promoção do engajamento e na defesa de causas em ambientes digitais.

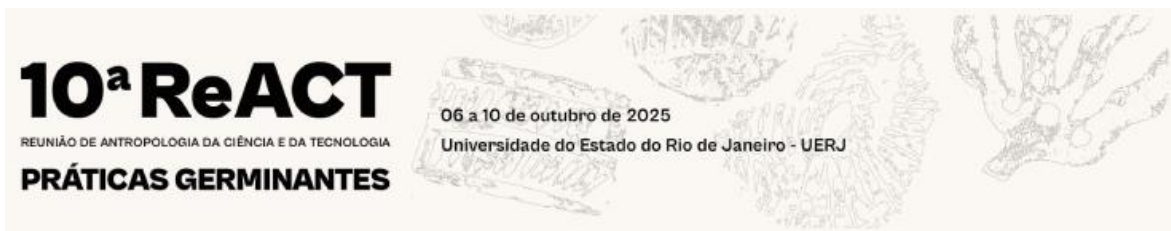
Para contextualizar o infoativismo como prática sociotécnica, podem ser apresentados dois exemplos de experiências que articulam informação, visualidade e ação coletiva. Um exemplo expressivo é o **Data_Labe**, que demonstra a potência do uso de dados abertos e narrativas jornalísticas-visuais na produção de cidadania e na ampliação da visibilidade sobre as desigualdades urbanas. Sua atuação evidencia como a apropriação crítica da informação pode reconfigurar discursos públicos e fortalecer perspectivas locais.

Como segundo exemplo, o **visativismo** (entendido como uma forma de design ativista), que constitui um desdobramento do infoativismo ao enfatizar a dimensão estética e política da circulação informacional. Ao criar artefatos visuais que denunciam injustiças e mobilizam afetos, o visativismo transforma a informação em ação simbólica, revelando o poder das imagens como instrumentos de engajamento e transformação social.



Detalhados nas seções seguintes, estes dois exemplos permitem compreender, em diferentes contextos, como práticas informacionais e visuais se articulam para produzir ação social e sentido coletivo.

Data_Labe: <https://datalabe.org/> (laboratório de dados e informações da favela da Maré – Rio de Janeiro, que atua na produção de conteúdo, monitoramento e geração cidadã de dados) - O laboratório busca entender como a informação pode ser usada como uma ferramenta para promover a cidadania e a participação política nas comunidades. Para isso, o Data_Labe utiliza técnicas de coleta, análise e visualização de dados que permitem entender melhor as realidades locais e os problemas enfrentados pelas comunidades. Uma de suas áreas de atuação é o monitoramento de políticas públicas nas favelas, que utiliza dados e informações coletados de forma participativa para avaliar a efetividade das políticas públicas nas áreas de saúde, educação, segurança, entre outras. Essas análises são divulgadas de forma acessível para a comunidade, contribuindo para a conscientização e o engajamento cidadão. Além disso, o Data_Labe também atua na produção de conteúdo e na geração de dados sobre temas relevantes para as comunidades. O laboratório tem produzido mapas interativos que permitem visualizar as redes de comércio e serviços nas favelas, por exemplo, além de relatórios e análises sobre a violência e a segurança nas comunidades. Outro tema importante em suas pesquisas é a inclusão digital e a democratização do acesso à informação. O laboratório busca promover a alfabetização digital e a capacitação tecnológica nas comunidades, além de contribuir para o desenvolvimento de tecnologias e ferramentas que possam ser usadas pelas pessoas para acessar e produzir informações. Em resumo, as pesquisas e discursos do Data_Labe buscam promover a relação informação nas comunidades, buscando utilizar os dados e informações de forma participativa para promover cidadania, participação política e inclusão digital. O laboratório tem se destacado por sua atuação em prol da democratização do acesso à informação e por suas análises críticas sobre as políticas públicas e a realidade das favelas do Rio de Janeiro.



Entre os vários projetos do DataLabe, o **Cocôzap** surgiu diante da ausência de dados oficiais sobre problemas cotidianos como esgoto a céu aberto, lixo acumulado e falta de água em regiões periféricas.

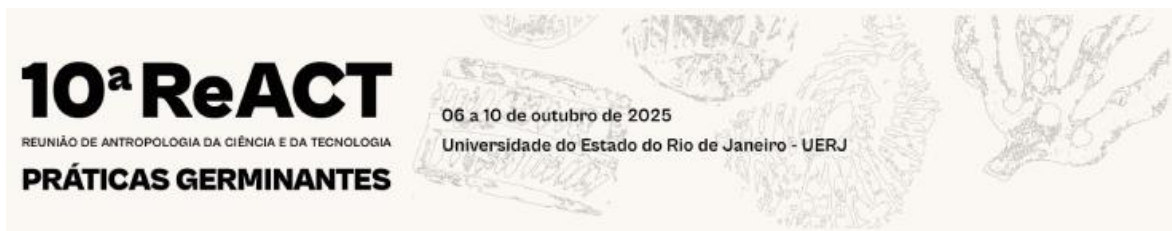
Para facilitar a participação dos moradores, o projeto utilizou o WhatsApp como principal ferramenta de comunicação. Por meio do aplicativo, os participantes podiam enviar fotos, vídeos, áudios e mensagens relatando situações de insalubridade em suas ruas ou casas. Essa escolha garantiu acesso simples e gratuito, aproveitando um meio já amplamente usado na comunidade.

As informações recebidas eram organizadas em uma base de dados, tratadas e classificadas segundo critérios de localização e tipo de ocorrência. O material foi posteriormente transformado em mapas, gráficos e visualizações interativas, divulgados em plataformas públicas e em redes sociais.

Além de gerar um diagnóstico territorial detalhado sobre o saneamento na Maré, o Cocôzap promoveu educação informacional, ampliou a voz da comunidade em debates sobre políticas públicas e inspirou novas experiências de infoativismo e tecnologias sociais.

O projeto também serviu como modelo para outras ações de geração cidadã de dados, mostrando como o uso estratégico da informação pode fortalecer a participação popular e contribuir para a justiça urbana e ambiental.

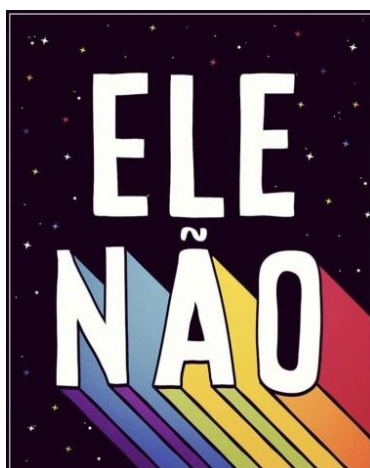
Design Ativista (Instagram @designativista) Outro destaque de ativismo em ambiente digital que podemos mencionar é o grupo Design Ativista Pra Quem Não Aguenta Mais surgiu em 2018 como um braço da rede Mídia Ninja, reunindo profissionais das áreas de design gráfico e publicidade inconformados com o cenário político brasileiro durante as eleições presidenciais. O coletivo surgiu como reação à candidatura de Jair Bolsonaro, associada a discursos de extrema-direita, armamentismo e práticas discriminatórias. Seu objetivo era construir uma contra-narrativa visual, utilizando a arte como instrumento de protesto e engajamento social.



As ações do grupo se concentraram na produção de cartazes, adesivos, banners e conteúdos digitais, amplamente compartilhados nas redes sociais. As criações exploravam cores fortes, tipografias marcantes e mensagens diretas, características do design ativista, que busca impacto visual e clareza na comunicação. Além das campanhas digitais, o coletivo também promoveu intervenções urbanas e colaborações com movimentos sociais, fortalecendo o diálogo entre arte, política e cidadania.

Entre os trabalhos mais reconhecidos está o #EleNão, que se tornou um símbolo de mobilização nacional contra o autoritarismo e a desigualdade. Essa campanha consolidou o design ativista como linguagem de resistência, ao mesmo tempo estética e política.

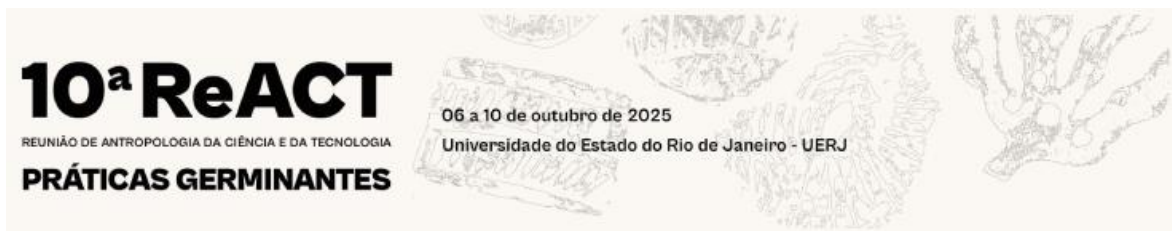
Figura 1 : #EleNao



Fonte: <https://medium.com/@nataliacollor> Arte: Militão Queiroz

Nos anos seguintes, o movimento continuou ativo em causas como a defesa da Amazônia, a justiça para Marielle Franco e outras pautas de direitos humanos. Suas produções artísticas revelam uma continuidade do ativismo visual que combina crítica social, ironia e apelo à ação, com o propósito de sensibilizar e mobilizar o público.

De 2018 a 2022, o grupo manteve forte presença nas redes, especialmente durante os períodos eleitorais, criando peças que denunciavam retrocessos políticos e sociais. No



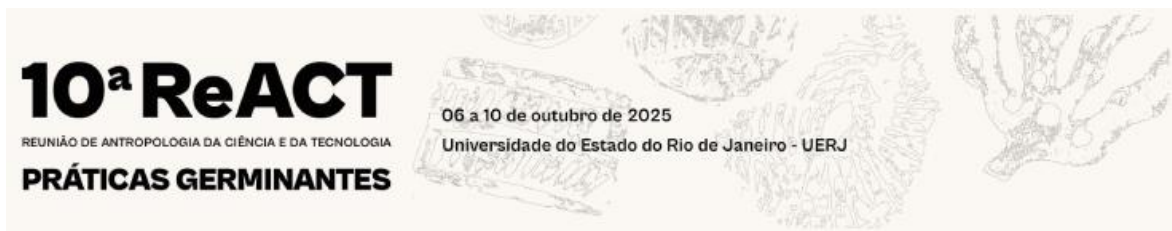
mesmo processo, passou a reconfigurar narrativas, contrapondo-se à desinformação e propondo uma imagem positiva de lideranças democráticas e progressistas.

O caso do Design Ativista evidencia o papel do design como instrumento político e destaca como a visualização da informação pode ser usada para gerar consciência crítica e engajamento coletivo. Sua atuação demonstra que a produção gráfica, quando articulada a causas sociais, tem potencial para transformar percepções, criar redes de apoio e fortalecer a cultura democrática.

A esse movimento foi dado o nome de visativismo, ou seja, uso do design visual para tornar injustiças visíveis e “um instrumento de ação política que se orienta em função de uma visão alternativa face ao problema, questão ou causa identificada”. Nesse contexto, Almeida (2017) propõe um modelo que segue três eixos norteadores da visualização de informação com propósitos de ativismo: motivação (postura ética); intenção (condições políticas) e concretização (contra-narrativa em oposição discurso hegemônico).

A partir desse desdobramento do infoativismo, podemos ressaltar que o movimento consolidou um modelo de design ativista digital, explorando diferentes meios e recursos para ampliar o alcance de suas mensagens:

1. **Campanhas visuais em redes sociais** – uso de hashtags (#EleNão) e imagens de forte apelo simbólico para difundir mensagens de protesto e unir pessoas em torno de causas comuns.
2. **Produção de materiais gráficos** – criação de cartazes, adesivos, banners e memes com linguagem simples, cores vibrantes e tipografia marcante, priorizando clareza e impacto emocional.
3. **Intervenções e mobilizações online** – convocação para atos e manifestações através das redes, transformando o design em gatilho de ação coletiva



4. **Colaboração em campanhas políticas** – apoio visual à candidatura de Fernando Haddad (2018) e ações pró-democracia em 2022, com foco em reconstruir a imagem de Lula como líder popular e democrático.

Figura 2 : Expor uma situação de contexto político



Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

5. **Humor e ironia** – uso de linguagem satírica para expor contradições do governo e ridicularizar figuras políticas ligadas ao autoritarismo, ampliando o engajamento.

Figura 3 : Expor uma situação conflitante com humor



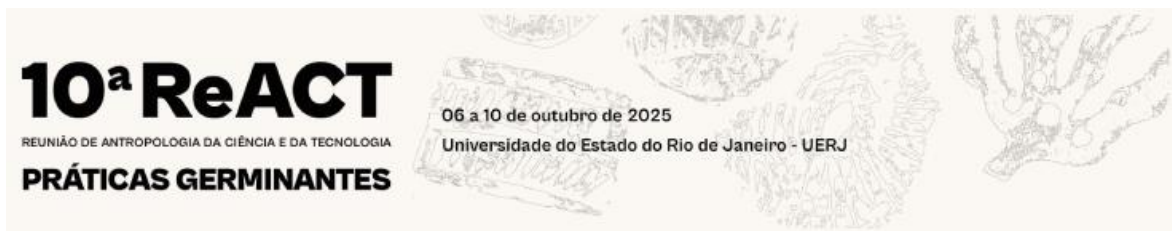
Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

6. **Exploração da verdade e denúncia visual** – criação e compartilhamento de peças que recuperavam fatos históricos ou denúncias atuais de injustiça social e violência estatal, como no caso de Maria Jacinta de Santana, retratada em formato quadrinizado.²

Figura 4 : Explorar a Verdade



² A partir de fato histórico resgatado pela historiadora Suzane Jardim, o veículo Ponte Jornalismo publicou, em abril de 2021, a história da negra Maria Jacinta de Santana que, falecida em 1900, foi entregue pelo Estado ao professor de medicina legal Amâncio de Carvalho, que embalsamou seu corpo e o utilizou objeto de estudo. Durante 30 anos, o corpo permaneceu exposto e foi alvo de trote na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Recontado por uma organização que promove o jornalismo para defesa dos direitos humanos (questões sobre violência do Estado, raça, gênero e cultura), a forma quadrinizada utilizada como recurso visual foi compartilhada em mídias sociais e trouxe à tona uma revisão sobre atos de racismo do passado e repercutiu entre estudantes da faculdade que questionaram a manutenção do nome do professor presente em sala da instituição.



Fonte: <https://ponte.org/>

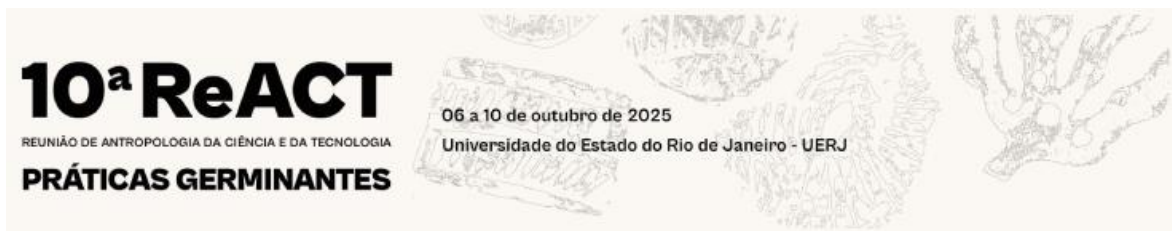
7. **Mobilização por causas específicas** – campanhas contínuas ligadas à justiça para Marielle Franco e à defesa da Amazônia, reforçando a continuidade do ativismo além do contexto eleitoral.

Figura 5 : Mobilizar para ação



Fonte: <https://www.instagram.com/designativista/>

As ações do grupo tornaram-se símbolo de resistência visual no Brasil contemporâneo. O movimento mostrou como o design pode funcionar como instrumento político, ao mesmo tempo estético e ético, articulando informação, emoção e engajamento coletivo em prol de causas sociais.



4. Considerações finais

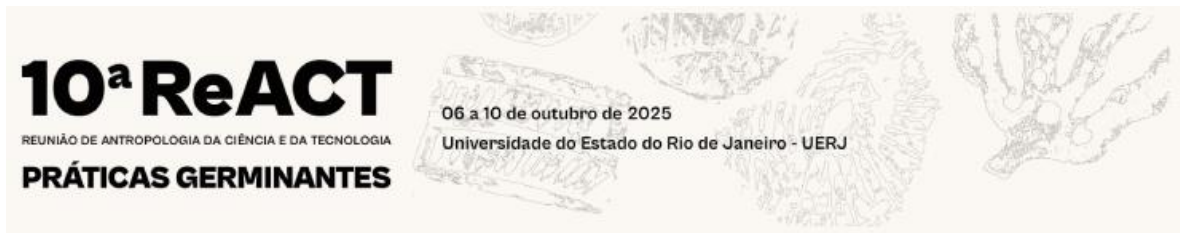
O infoativismo é uma das formas mais expressivas de apropriação social da informação na atualidade. Ao transformar dados em ação e visualizações em mobilização, amplia o papel da informação como mediadora entre conhecimento e prática social. A informação pode influenciar o comportamento de várias maneiras:

- Fornecendo conhecimento e consciência sobre questões ou problemas, motivando ações, como reduzir a pegada de carbono ou engajar-se politicamente diante da mudança climática.
- Moldando atitudes e crenças, influenciando comportamentos, por exemplo, ao expor indivíduos a discussões sobre brutalidade policial e racismo sistêmico, estimulando visões críticas e ações de resistência.
- Influenciando normas e expectativas sociais, o que pode levar indivíduos a adotar práticas coletivamente observadas, como o uso de transporte público ou reciclagem.

Este estudo evidencia como a apropriação social da informação se manifesta na cultura digital, destacando a importância de compreender as relações entre indivíduos, coletivos e tecnologias digitais. A análise dos eixos disseminação de tecnologias sociais, infoativismo e apropriação da informação mostram que, embora o acesso à conectividade avance, persistem desigualdades estruturais que dificultam o engajamento pleno na esfera pública digital.

O infoativismo transforma informações em ação coletiva, tornando desigualdades visíveis e fortalecendo a participação cidadã. Experiências como o Data_Labe e iniciativas de design ativista ilustram como dados e narrativas podem engajar e mobilizar comunidades.

Nesse contexto, a Antropologia Digital oferece uma lente interpretativa para compreender como indivíduos interagem com informações e tecnologias, atribuindo sentido às suas experiências e moldando comportamentos. Ela permite analisar não apenas o acesso à



informação, mas também sua apropriação crítica, os sentidos construídos em ambientes digitais e os impactos sociais dessas práticas.

Entender essas dinâmicas é essencial para desenvolver estratégias de infoativismo eficazes, especialmente diante de desafios como algoritmos de interação, desinformação e manipulação de dados, que influenciam a circulação da informação e o comportamento social de práticas de engajamento crítico, inclusivo e transformador na esfera pública digital.

Referências

ALMEIDA, Pedro Jorge Gracio dos Santos Duarte de. **VISACTIVISM : A Visualização de Informação na Perspectiva do Design Activism**. Tese de doutoramento, Belas Artes (Especialidade em Design de Comunicação), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2017

BARRETO, A. A. A baronesa e o conhecimento. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 07, 2006.

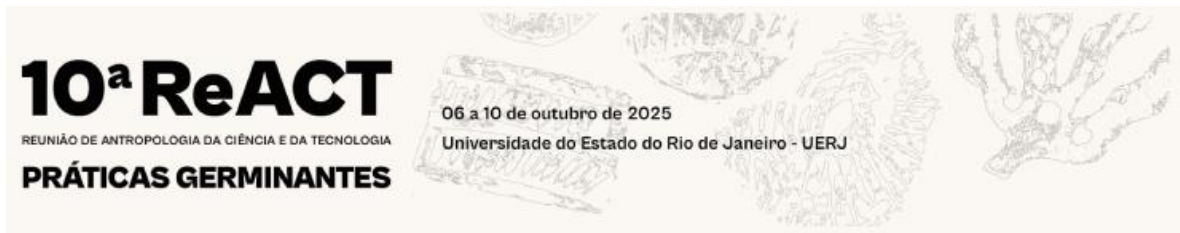
DATA_LABE. Relatórios e projetos. [site]. Disponível em: <https://datalabe.org/>. Acesso em: 15 out. 2025.

DESIGN ATIVISTA. @designativista [perfil de Instagram]. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>. Acesso em: 15 out. 2025.

INTERNET SOCIETY. **2020 Impact Report: The Internet Is a Lifeline**. May 2021. Disponível em: <https://www.internetsociety.org/impact-report/2020/>. Acesso em: 06 set. 2025.

JOYCE, Mary (org.). **Digital Activism Decoded: The New Mechanics of Change**. New York, International Debate Education Association, 2010.

MACKINNON, Rebecca. **The World Wide Conversation: Online Participatory Media and International News**. The Joan Shorenstein Center on Press, Politics and Public Policy, Working Papers Series. n. 2, 2004.



SEARLE, John R. Social ontology: Some basic principles. **Anthropological Theory**, v.6, n.1, p.12_29, March 2006. Disponível em: <http://ant.sagepub.com/content/6/1/12.abstract>. Acesso em: 20 out 2019.

TACTICAL TECHNOLOGY COLLECTIVE. [site]. Disponível em: <https://tacticaltech.org/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

VALERIANI, Augusto. Bridges of the Revolution: Linking People, Sharing Information, and Remixing Practices. **Sociologica**, n.3, 2011. Disponível em <http://www.sociologica.mulino.it/doi/10.2383/36421>. Acesso em: 10 set 2024.